



ESCOLA DA FÉ

ANO PASTORAL 2020/2021

CATEQUESES SOBRE O PAI NOSSO

PARÓQUIA DE MATOSINHOS (SALVADOR) – 11.JAN.2021

O pão nosso de cada dia nos dai hoje

1. «O pão nosso de cada dia nos dai hoje»

Hoje passamos a analisar a segunda parte do “Pai-Nosso”, aquela na qual apresentamos a Deus as nossas necessidades. Esta segunda parte começa com uma palavra que preenche o nosso dia a dia: o pão.

A oração de Jesus parte de uma pergunta interpelante, que é muito semelhante à imploração de um mendigo: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje!”. Esta oração provém de uma evidência que muitas vezes esquecemos, ou seja, que não somos criaturas autossuficientes, e que todos os dias precisamos de nos alimentar.

As Escrituras mostram-nos que para muitas pessoas o encontro com Jesus se realizou a partir de uma pergunta. Jesus não pede invocações requintadas, aliás, toda a existência humana, com os seus problemas mais concretos e diários, se pode tornar prece. Nos Evange-

Ihos encontramos uma multidão de mendigos que suplicam libertação e salvação. Há quem pede o pão, quem a cura; alguns a purificação, outros a vista; ou que uma pessoa querida possa reviver... Jesus nunca fica indiferente face a estes pedidos e padecimentos.

Por conseguinte, Jesus ensina a pedir ao Pai o pão de cada dia. E ensina-nos a fazê-lo juntamente com muitos homens e mulheres para os quais esta prece é um grito — muitas vezes abafado — que acompanha a ansiedade de todos os dias. Quantas mães e quantos pais, ainda hoje, vão dormir com o tormento de não ter no dia seguinte o pão suficiente para os próprios filhos! Imaginemos esta oração recitada não na segurança de um apartamento confortável, mas na precariedade de um ambiente ao qual se adapta, onde falta o necessário para viver. As palavras de Jesus assumem uma força nova. A oração cristã começa por este nível. Não é um exercício para ascetas; parte da realidade, do coração e da carne de pessoas que vivem em necessidade, ou que partilham a condição de quem não dispõe do necessário para viver. Nem sequer os místicos cristãos mais elevados podem prescindir da simplicidade deste pedido. “Pai, faz com que para nós e para todos, hoje, haja o pão necessário”. E “pão” significa água, medicamentos, casa, trabalho... Pedir o necessário para viver.

O pão que o cristão pede na oração não é o “meu” pão mas o “nosso”. Assim quer Jesus. Ensina-nos a pedi-lo não só para nós mesmos, mas para a inteira fraternidade do mundo. Se não se rezar deste modo, o “Pai-Nosso” deixa de ser uma oração cristã. Se Deus é o nosso Pai, como nos podemos apresentar a Ele sem nos darmos a mão? Todos nós. E se roubarmos uns aos outros o pão que Ele nos concede, como podemos dizer que somos seus filhos? Esta prece contém uma atitude de empatia, uma atitude de solidariedade. Na minha fome sinto a fome das multidões, e então rezarei a Deus enquanto o pedido delas não for ouvido. Assim Jesus educa a sua comunidade, a sua Igreja, a apresentar a Deus as necessidades de todos: “Todos somos Vossos filhos, tende piedade de nós!”. E agora far-nos-á bem

pensar por alguns momentos nas crianças famintas. Pensemos nas crianças que vivem em países em guerra: nas crianças famintas do Líbano, nas crianças famintas na Síria, nas crianças famintas em muitos países onde não há pão, no Sudão do Sul. Pensemos nestas crianças e pensando nelas recitemos juntos, em voz alta, a prece: “Pai, o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Todos juntos.

O pão que pedimos ao Senhor na oração é o mesmo que um dia nos acusará. Repreender-nos-á o pouco hábito de o repartir com quem está próximo, o pouco hábito de o repartir. Era um pão oferecido à humanidade, e ao contrário foi comido só por alguns: o amor não pode suportar isto. O nosso amor não o pode suportar; nem sequer o amor de Deus pode suportar este egoísmo de não repartir o pão.

Certa vez havia uma grande multidão diante de Jesus; eram pessoas que tinham fome. Jesus perguntou se havia entre eles quem tivesse alguma coisa, e viu que só uma criança estava disposta a partilhar aquilo de que dispunha: cinco pães e dois peixes. Jesus multiplicou aquele gesto generoso (cf. Jo 6, 9). Aquele menino tinha compreendido a lição do “Pai-Nosso”: que os alimentos não são propriedade individual — convençamo-nos disto: os alimentos não são propriedade individual — mas providência a partilhar, com a graça de Deus.

O verdadeiro milagre realizado por Jesus naquele dia não foi tanto a multiplicação — que foi verdadeira — mas a **partilha**: dai-me o que tendes e eu farei o milagre. Ele mesmo, multiplicando aquele pão oferecido, antecipou a oferenda de Si no Pão eucarístico. Com efeito, só a Eucaristia é capaz de saciar a fome de infinito e o desejo de Deus que anima cada homem, até na busca do pão de cada dia.

2. Fome de pão da vida eterna

Alguns padres da Igreja relacionam o significado a petição do pão com o pão da vida eterna, que se nos oferece na Eucaristia. É no evangelho de São João onde se expõe a conexão e a diferença entre

o pão diário e o pão eucarístico. Já na multiplicação dos pães está sob o sinal da proximidade da festa da Páscoa e, pela oração de ação de graças, contém também rasgos da celebração da Páscoa e da Eucaristia. Quando querem proclamar Jesus como rei, Cristo diz: «Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até à vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará» (Jo 6, 27). «Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu hei de dar é a Minha carne pela vida do mundo» (Jo 6, 51-52).

A fome de pão diário tem o seu direito e exige justiça. Sobre isso Jesus não tem a menor dúvida. Mas também realça: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4). A multidão que O seguiu até ao deserto não queria escutar estas palavras e murmuraram de Jesus. Hoje passa-se algo parecido. A ação social da Igreja é valorizada; o convite para a mesa eucarística encontra menos acolhimento. Assim, o discurso de Jesus sobre o pão da vida permanece com uma advertência: não esqueçais nem repri-mais, no meio da toda a preocupação pelo pão diário, a vossa fome e a vossa sede mais profunda. Vinde receber o verdadeiro pão da vida, que é o próprio Jesus, o Cristo, e no qual Ele se dá a si mesmo que tenhamos a vida em abundância (Jo 10, 10).

Isto pode ser uma advertência para a Igreja: deve esforçar-se – tanto quanto seja possível – pelos que passam fome, mas não será fiel à sua missão se se converte numa organização de desenvolvimento e de ajuda social e se descuida da mensagem e a celebração do pão da vida eterna.

Quando rezamos o Pai Nosso, rezamos também para que, para além de todas as nossas preocupações terrenas pelo pão diário, não esqueçamos a fome e a sede do pão da vida eterna, gravados a fogo na nossa alma de seres humanos: esse pão que é Jesus mesmo e que Ele nos dá na Eucaristia.